



# workshop Identidades e Discursos Soteriológicos

WORKSHOP CH-UL OUT/2016

**Faculdade de Letras  
da Universidade  
de Lisboa**

**Sala 5.2**

20 e 21 de Outubro de 2016

**Organização**

**Centro de História da  
Universidade de Lisboa**



LETRAS  
LISBOA



Fundação para a Ciência e a Tecnologia



REPÚBLICA  
PORTUGUESA



COMPETE  
2020



## **Objectivos**

Este workshop visa promover o debate sobre temáticas em torno dos discursos soteriológicos e dos seus desdobramentos na História além do campo do religioso, com particular incidência nas questões identitárias, em diversos quadros espaço-temporais.

## **Comissão organizadora**

Carlos Almeida  
Filipa Roldão  
José Augusto Ramos

## **Secretariado**

Ana Miranda  
André Silva  
Gonçalo Matos Ramos  
Inês Lourinho  
Martim Aires Horta

## **WORKSHOP CH-UL OUT/2016 – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sala 5.2 – 20 de Outubro**

### **10:00 – 11:00 Conferência de abertura**

*Religiões da salvação: a construção de um macroconceito.*

Alfredo Teixeira  
(CERC-UCP, CEHR-UCP)

*Peregrino em Meca ou guerreiro no al-Andalus? Estratégias para reforçar os exércitos almorávidas na luta contra os cristãos (séc. XII).*

Inês Lourinho  
(CH-UL)

Comentador: José Tavim

*Salvação, identidade e sentido no horizonte histórico do Judeo-Cristianismo.*

José Augusto Ramos  
(CH-UL)

Comentador: Martim Aires Horta

### **11:00 – 11:30 Pausa**

### **11:30 – 13:00 Painel I**

*Os judeus em Portugal nos séculos XIV e XV: indícios de uma cultura reactiva.*

José Tavim  
(CH-UL)

Comentadora: Filipa Roldão

### **13:00 – 14:30 Almoço**

### **14:30 – 16:00 Painel II**

*Os qualificativos Sóter, Soteira e Sotéres no âmbito da dinastia lágida: índices de construção de uma (nova) identidade política.*

José das Candeias Sales  
(CHAM, CH-UL)

Comentador: Hugo Martins

### **16:00 – 16:30 Pausa**

### **16:30 – 18:00 Painel III**

*Resgatando corpos, salvando almas: Notas para uma soteriologia do baptismo dos escravos em Cabo Verde (1460-séc. XVII).*

Maria João Soares  
(CH-UL)

Comentadora: Inês Lourinho

*Soter: epíteto divino e real.*

Sofia Nunes  
(GEO-CML, CH-UL)

Comentadora: Ana Miranda

## **WORKSHOP CH-UL OUT/2016 – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sala 5.2 – 21 de Outubro**

**9:30 – 11:00 Painel IV**

*O conceito de "viagem" numa periferia do mundo muçulmano: a circulação de letrados no al-Andalus do séc. XI entre o traço identitário e a prática soteriológica.*

Ana Miranda  
(UNIARQ, CH-UL)

Comentador: José das Candeias Sales

*A comédia política: agência moral e salvação.*

Fernando da Cruz Gabriel  
(CH-UL)

Comentador: Carlos Almeida

**11:00 – 11:30 Pausa**

**11:30 – 13:00 Painel V**

*Que procura Pausânias salvar quando se inicia?  
O lugar dos cultos misticos na Periegesis*

Martim Horta  
(CH-UL)

Comentadora: Maria João Soares

*Transacções com o sagrado: razão política e religião na comunidade judaico-portuguesa de Hamburgo no século XVII.*

Hugo Martins  
(CH-UL)

Comentador: Fernando da Cruz Gabriel

**13:00 – 14:30 Almoço**

**14:30 – 16:30 Painel VI**

*"Salve, dizeis vós, e não sabeis o porquê" – identidades em conflito no Congo em inícios de Setecentos.*

Carlos Almeida  
(CH-UL)

Comentadora: Maria Leonor García da Cruz

*A recompensa do Paraíso: A visão da salvação no Corão em oposição à visão de alguns místicos.*

Natália Nunes  
(IELT, IEM, CH-UL)

Comentadora: Sofia Nunes

*Consciencialização e riso catártico na dramaturgia portuguesa quinhentista.*

Maria Leonor García da Cruz  
(CH-UL)

Comentadora: Natália Nunes

**16:30 – 17:00 Pausa**

**17:00 – Encerramento**

*Conclusões e perspectivas.*  
José Augusto Ramos

**Alfredo Teixeira**  
CERC-UCP e CEHR-UCP  
(alfredo.teixeira@ft.lisboa.ucp.pt)

### **Religiões da salvação: a construção de um macroconceito.**

É Doutor em Antropologia Política – 2004, ISCTE/IUL – e Mestre em Teologia Sistemática – 1994, FT/UCP. É Professor Associado da Faculdade de Teologia da UCP, onde exerce atualmente os cargos de Director do Instituto Universitário de Ciências Religiosas e de coordenador Executivo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas. Entre 1994 e 2003, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, integrou o grupo interdisciplinar de estudos no domínio do Pensamento Contemporâneo e colaborou na estruturação da área científica da Ciência das Religiões. Colabora com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no âmbito do curso de mestrado e doutoramento em História e Cultura das Religiões.

Para além da sua atividade académica, desenvolve regularmente um trabalho de criação no domínio da composição musical. Coordenou vários projetos de investigação e participa na coordenação da linha de investigação partilhada pelo CEHR/UCP e pelo CERC/UCP: “Memória, mediações e materialidades do religioso” e na dinamização da rede de investigadores “Religião nas modernidades múltiplas”. Os seus atuais interesses de investigação são: novas teorias da religião; religião e transmissão cultural: os usos sociais da memória religiosa; reconfigurações da eclesiosfera católica na sociedade portuguesa. É autor de diversos estudos e ensaios nestes domínios de investigação.

## Ana Miranda

UNIARQ, CH-UL: Cultural Encounters  
and Intersecting Societies  
(alsmiranda@campus.ul.pt)

### **O conceito de “viagem” numa periferia do mundo muçulmano: a circulação de letrados no al-Andalus do século XI, entre o traço identitário e a prática soteriológica.**

A importância da viagem na cultura árabe exprime-se no provérbio *fi' l-haraka baraka* – literalmente “no movimento, uma bênção” – e está presente na génese do próprio Islão. No Alcorão, a viagem é um instrumento concedido por Deus à Humanidade para a sua salvação física e espiritual, como nas figuras de Noah ou Moshe, símbolos de uma filiação identitária mediterrânica. Na Tradição do Profeta abundam referências ao périplo de Muhammad, sendo igualmente extenso o rol de súplicas (*ad'iyah*) que os viajantes podem invocar antes, durante ou no fim de uma viagem. As migrações, as rotas comerciais, a busca pelo conhecimento (*rihlat*) e a peregrinação (*hajj*) evidenciam esta predisposição para a mobilidade no mundo muçulmano. Importa, pois, aferir como o conceito de viagem foi apreendido e operacionalizado numa das suas periferias – o al-Andalus – a partir do estudo da circulação dos seus letrados, em especial durante o século XI, período de recomposição política e de ampla discussão ideológica.

*Comentador: José das Candeias Sales*

Mestre em História do Mediterrâneo Islâmico e Medieval, Ana Miranda é investigadora associada do Centro de História da Universidade de Lisboa e doutoranda bolsreira do Centro de Arqueologia da mesma instituição. Encontra-se a preparar a tese em História Medieval com o tema “Redes de circulação no século XI numa periferia do mundo islâmico: o Gharb al- Andalus entre o Mediterrâneo e o Atlântico”, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e orientada pelo Professor Doutor Hermenegildo Fernandes.

## **Carlos Almelda**

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies

### **“Salve, dizels vós, e não sabels o porquê” – Identidades em conflito no Kongo em Inícios de Setecentos.**

Nos primeiros anos de Setecentos, na região central da formação política Kongo, na África central, uma mulher afirma que S. António a visitou e encarnou no seu corpo. Beatriz Kimpa Vita, assim se chamava, proclama que Jesus, a Virgem e S. Francisco eram negros, que era em Mbanza Kongo e em Mbanza Nsundi, respectivamente, que se localizavam a Belém e Nazaré das Escrituras, e que, assim como os europeus, também o Kongo poderia ter os seus próprios santos. Ao mesmo tempo, aquela mulher defendia a restauração da unidade perdida do Kongo, então dilacerado por lutas internas, e acusava os missionários capuchinhos de, por ciúme e inveja, impedirem a concretização desse objectivo. A oração que anunciava reflecte a tensão que atravessa os seus ensinamentos, entre uma linguagem que remete para o universo cristão e uma mensagem que o subverte.

A presente comunicação centra-se no movimento profético iniciado por Kimpa Vita para discutir a complexidade das configurações identitárias no contexto do diálogo cultural na África Central, durante os sécs. XVI a XVIII.

*Comentadora: Maria Leonor García da Cruz*

Investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Doutor em Antropologia – ramo Etnologia pela mesma Universidade. Trabalha sobre temas relacionados com a história da África central e a formação do discurso etnográfico nos textos europeus do período moderno.

## **Fernando da Cruz Gabriel**

CH-UL: Uses of the Past  
(fernando.c.gabriel@gmail.com)

### **A comédia política: agência moral e salvação.**

Esta proposta inscreve-se no tópico “Soteriologia e apropriação política”. Com a desagregação da *respublica christiana*, o vocabulário e a sintaxe da linguagem teológica foram incorporados em teorizações seculares da experiência humana onde a noção de salvação (*so-te-ria*) é central – entendida como a possibilidade de libertação permanente do homem do contexto moral definido pela Queda. Nesta comunicação procurar-se-á mostrar que: (i) é possível identificar nos discursos ideológicos modernos dois entendimentos opostos da noção de salvação e que cada um desses entendimentos caracteriza uma personalidade moral; (ii) essas identidades morais correspondem a modos duais de associação política; (iii) as formulações ideológicas que propõem formas de salvação traduzíveis em condições externas constituem formas do arquétipo narrativo da comédia, enquanto os discursos ideológicos intimando o agente a atingir a salvação enquanto condição interna constituem formas do arquétipo narrativo do romance.

*Comentador: Carlos Almeida*

Fernando da Cruz Gabriel licenciou-se em Economia na Universidade Nova de Lisboa. É mestre em Economia pela Universidade Católica de Louvain, mestre em História e Civilização Europeia pela Universidade de Leiden e mestre e doutor em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Católica Portuguesa. Actualmente é investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nas áreas de “Teorias da História” e “História do Pensamento Político”.



## Hugo Martins

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(hugo.fcc.martins@gmail.com)

### **Transacções com o sagrado: razão política e religião na comunidade judaico-portuguesa de Hamburgo no século XVII.**

A comunidade judaico-portuguesa de Hamburgo, tal como a de Amesterdão, Londres ou Livorno, formou-se a partir do conceito inicial de judaísmo oriundo da comunidade judaica de Veneza, formada no final do século XVI. A experiência governativa porém, tem a sua origem numa constelação de saberes e de costumes que se caracterizam tanto pela sua filiação coeva à actividade mercadora, à sua etica e óptica mercantilista, como igualmente a um passado ibérico remoto, oriundo das práticas locais quatrocentistas de administração concelhia, da qual certos resquícios linguísticos ainda fazem prova contundente. Na presente comunicação, pretende-se entender de que forma se construiu esta ponte entre o passado e o presente na arte de governar; quais as influências, as interpretações e as reformulações *ad hoc* do repertório político sefardita no caso específico da comunidade de Hamburgo, e de que forma este se inscreve no contexto mais vasto das emergentes comunidades mercadoras do período moderno.

*Comentador: Fernando da Cruz Gabriel*

Hugo Castilho Cabrita Martins (Lic.) é presentemente doutorando em História Moderna na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e bolseiro de doutoramento da Rothschild Foundation Hanadiv Europe, tendo recebido adicionalmente uma bolsa de investigação DAAD (German Academic Exchange Service), no âmbito de uma investigação conduzida na Alemanha. A sua tese de doutoramento incide sobre a vida social e religiosa da comunidade judaico-portuguesa de Hamburgo, ao longo do século XVII.

## Inês Lourinho

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(ines.lourinho@campus.ul.pt)

### **Peregrino em Meca ou guerreiro no al-Andalus? Estratégias para reforçar os exércitos almorávidas na luta contra os cristãos (séc. XII).**

Entre 1118 e 1120, Muhammad b. Tumart proclamou-se *mahdi* do movimento almóada, ou seja, o messias profetizado por Deus para governar no fim dos tempos, e a estabilidade do império almorávida nunca mais foi a mesma. Disputando o poder aos senhores de Marraquexe, os seguidores de Ibn Tumart forçaram a paulatina desmilitarização do al-Andalus, onde os cristãos beneficiavam agora de oportunidades de ataque acrescidas, mercê da sangria de exércitos para o Magrebe. Numa estratégia paliativa para proteger o império, o emir almorávida perguntou aos doutores de leis se a peregrinação, dever de todos os muçulmanos, poderia ser convertida em *jihād* contra os cristãos, e a resposta foi positiva. O recrutamento de gente sem treino tinha, não raras vezes, o massacre como ponto final, mas reunia interessados. Perdão das faltas desde o derramamento da primeira gota de sangue, entrada direta no paraíso e cabeça cingida com a coroa da dignidade estavam entre os benefícios que Deus concedia aos mártires.

*Comentador: José Tavim*

Jornalista desde 1992, especializou-se em defesa do consumidor. Completou a licenciatura em Ciências da Comunicação em 1998, na FCSH. Em 2010, concluiu o mestrado em História Medieval na FLUL, com a tese "1147: uma Conjuntura Vista a Partir das Fontes Muçulmanas", orientada pelo Prof. Hermenegildo Fernandes. Está a terminar a tese de doutoramento, com o mesmo orientador, sob o título "Fronteira do Gharb al-Andalus: Território de Confronto entre Almorávidas e Cristãos (1093-1147)".

## **José Augusto Ramos**

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(joseramos@letras.ulisboa.pt)

### **Salvação, identidade e sentido no horizonte histórico do Judeo-Cristianismo.**

Tradicionalmente classificado entre as religiões de salvação, percebe-se no conjunto sequencial constituído por judaísmo e cristianismo um interesse muito particular pelo uso deste conceito. A sua longa história literária permite, entretanto, definir matizes muito claros de evolução semântica quanto aos sentidos mais imediatos que se detectam na utilização deste conceito. Eles vão desde a ideia de libertação de uma qualquer situação ameaçadora ou incómoda, que tem por modelo emblemático o Êxodo, até uma concepção mais lata e transcendente.

Por outro lado, os beneficiados por uma intervenção salvífica recebem desse facto um factor específico para definir uma identidade. O conceito de salvação sugere, por isso, uma dupla intencionalidade. Se o vector da identidade condiz mais com o presente, o vector da salvação, sendo uma dimensão que interessa como presente, poderá privilegiar categorias de um futuro mais definitivo. Esta dialéctica de intencionalidades entre presente e futuro acaba por se definir como uma das questões essenciais de sentido. E estas linhas cruzam-se dentro das concepções de uma antropologia ecuménica e marcam o evoluir das religiões do mundo clássico bem como das oriundas da matriz mediterrânica oriental, que já eram provavelmente convergentes na sua mitologia fundamental.

*Comentador: Martim Aires Horta*

Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é doutorado em História Antiga pela mesma universidade, licenciado em Ciências Bíblicas e Orientais pelas Faculdades Bíblica e Oriental do Instituto Bíblico de Roma, licenciado em Teologia e diplomado em Hebraico e Aramaico pelo Instituto Católico de Toulouse. Foi docente na Universidade Católica (1973-1975) e na FLUL a partir de 1976, onde leccionou disciplinas no âmbito

das línguas antigas, História Antiga e História das Religiões. É investigador integrado do CH-UL, onde coordena o grupo Cultural Encounters and Intersecting Societies.

### **José das Candelas Sales**

CHAM, CH-UL: Military History  
(jcsales@clix.pt; sales@uab.pt)

### **Os qualificativos *sóter*, *sotelra* e *sotêres* no âmbito da dinastia lágida: Índices de construção de uma (nova) identidade política.**

No plano mitológico, Sóter era um dos sobrenomes de Zeus, o senhor dos deuses. No Egito helenístico, reis e rainhas da dinastia lágida usaram-no como epíteto cultural, destinado a representar quer a ideia de segurança material que o rei/ a rainha assegurava quer a noção do rei como salvador, no sentido político e religioso do termo.

Nesta apresentação passaremos em revista os vários casos detectados no âmbito da dinastia lágida, enquadrando e explicando as suas várias utilizações e a sua apropriação política como índices significativos de construção de uma (nova) identidade política no Egito dos últimos séculos antes de Cristo.

*Comentador: Hugo Martins*

Professor Associado com Agregação da área de História Antiga (Egiptologia) na Universidade Pró-Reitor para a Aprendizagem ao Longo da Vida e Extensão Cultural da Universidade Aberta. Investigador Integrado do CHUL nos Grupos de Investigação "Usos do Passado" e "História Militar" (desde 2015). Investigador Associado do Grupo de Investigação "Antiguidade e sua receção" do CHAM. Autor de vários artigos e de várias obras sobre o Egito antigo.

## **José Tavim**

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(tavim40@hotmail.com)

### **Os judeus em Portugal nos séculos XIV e XV: Indícios de uma cultura reactiva.**

A consciência do Exílio entre o “Povo Eleito” é um pilar fundamental da sua identidade sócio-cultural em diáspora. A prossecução de todos os rituais e o estabelecimento de todas as formas de sociabilidade dentro dos parâmetros de uma religiosidade cada vez mais normalizada assume-se como fundamental para a concretização da redenção final: a reunião das doze Tribos de Israel na Terra Prometida. Sabemos que mesmo “admitidos” e protegidos pelo poder régio, os judeus, dada a sua situação estatutária de “minoría” religiosa, são observados sobretudo numa posição inferior na esfera das negociações sociais e políticas dentro do reino. A questão que aqui se coloca é a seguinte: como reagem (ou tentavam reagir) quando a maioria tentava impor decisões e medidas que contrariavam frontalmente a marcha para a pretendida redenção final? O nosso objectivo, com esta contribuição, é revelar indícios da reacção desta minoría, em Portugal, para continuar a impor-se como Israel.

*Comentadora: Natália Nunes*

Foi professor na EHECS e na EPHE, Paris. Editou dois livros e é autor de mais de 60 artigos publicados em várias línguas. Pertence ao Executive Board of Society Sefarad e preside ao projecto “Portuguese Jewish Mediaeval Sources”. Co-edita a revista Hamsa e editou recentemente, juntamente com Filomena Barros e Lúcia Mucznik, “In Iberia Peninsula and Beyond: A History of Jews and Muslims (XV–XVIII centuries)”.

## **Maria João Soares**

CH-UL: Building and Connecting Empires  
(mariajoaosoares@yahoo.co.uk)

### **Resgatando corpos, salvando almas: notas para uma soteriologia do baptismo dos escravos em Cabo Verde (1460 – século XVII).**

Esta comunicação tem por objectivo esclarecer os contornos da política sacramental do baptismo quer dos escravos saídos de Cabo Verde e Costa da Guiné na torrente negreira transatlântica quer dos cativos que permaneceram no arquipélago, quais as estratégias de dominação em que se inseriu e como os diversos grupos sociais dela se utilizaram e beneficiaram.

Por outro lado, serão também analisadas as práticas sacramentais de baptismo mais commumente adoptadas na Costa da Guiné e em Santiago, bem como as polémicas havidas entre diversos agentes sobre práticas sacramentais incorrectas e inválidas que se verificaram amiúde.

Finalmente, pretende-se analisar o significado do baptismo do ponto de vista do escravo africano, da sua inserção na sociedade escravocrata caboverdiana, sociabilidades e eventuais significados religiosos do ponto de vista da espiritualidade tradicional africana.

*Comentadora: Inês Lourinho*

Em 1993 integrou o CEHCA do IICT, tendo feito parte do projecto História Geral de Cabo Verde, redigindo os capítulos sobre "Igreja" no 2.º e 3.º vols. Em 1995, ascendeu à categoria de Assistente de Investigação, com a temática dos Lançados nos Rios de Guiné e, em 2005, à categoria de Investigador Auxiliar, com a dissertação "A Igreja perante uma sociedade crioula: Cabo Verde". Desde 2005, tem desenvolvido estudos sobre a História de Cabo Verde: presença estrangeira, criouliização, elite, cerimonial, género, conhecimento científico e missionação.

## **Maria Leonor García da Cruz**

CH-UL: Building and Connecting Empires  
(cruzmaria@campus.ul.pt)

### **Consciencialização e riso catártico na dramaturgia portuguesa quinhentista.**

A salvação domina o crenche do Renascimento europeu, de consciencialização agudizada e ambivalente da postura do fiel face a Deus e às prescrições da Igreja, em resultado do processo de laicização e mercantilização da sociedade em vários espaços.

À interiorização da fé aprofundada por correntes místicas, irá juntar-se o debate sobre o contacto individualizado com as Sagradas Escrituras, mais ainda nas controvérsias sobre a sua tradução para a língua vulgar e após divulgações também da Patrística pela imprensa. A crítica emanada dos meios humanistas desenvolve o combate por uma Igreja reformada do ponto de vista disciplinar e doutrinal, facto que espelha reacções e heterodoxias. A dramaturgia portuguesa quinhentista não se omite a tal respeito e as criações de Gil Vicente são particularmente ricas de problemática, da ortodoxia ao sarcasmo catártico. Deus, fé, oração, livre arbítrio, símbolos da Paixão, eucaristia, boas obras, comentam-se em discursos socialmente representativas.

*Comentadora: Filipa Roldão*

Professora da Faculdade de Letras da U. Lisboa e Investigadora integrada do CH-ULisboa, neste é responsável de projectos de investigação e acções de formação. Doutorada em História Moderna, lecciona e pesquisa no âmbito de História Moderna e de História da Expansão e dos Impérios (s. XV-XIX), orientando MA, PhD e pós-doutoramentos em campos da sua especialidade: sociedades, mentalidades, espiritualidade, orgânica institucional, gestão político-financeira, representações e construções identitárias.

## **Martim Aires Horta**

CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(martimhorta@gmail.com)

### **Que procura Pausânias salvar quando se inicia? O lugar dos cultos místéricos na Periegesis.**

Logo no I livro da Periegesis e referindo-se à sua própria obra, Pausânias refere que pretende percorrer em detalhe os *panta ta Hellenika*, "tudo aquilo que é grego". Confrontado com uma viagem pela Grécia que encontra os santuários mais antigos e heterodoxos, salvaguarda tradições mitológicas menos usuais, lamenta um passado em que os gregos regularmente se viravam contra si mesmos e que fundamenta a autoridade das suas leituras em Homero e nos poetas arcaicos, é fácil ao leitor de Pausânias ler naquele reparo inicial a enunciação de uma helenidade perdida na Acaia. No entanto, ao longo do seu caminho, o Periegeta depara-se com vários santuários que envolvem rituais de iniciação de carácter místico e testemunha uma série de experiências pessoais, íntimas e por vezes propositadamente procuradas. A importância manifesta desses ritos para Pausânias leva-nos a inquirir sobre o seu lugar enquanto elementos que marcam "o que é grego".

*Comentador: Maria João Soares*

Mestre em História, com especialização em História Antiga, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo defendido em 2016 uma tese intitulada "Os Cultos das Meras na Grécia Antiga". Investigador associado do Centro de História da Universidade de Lisboa onde também é Bolseiro de Gestão Científica e Tecnológica.



## Natália Nunes

IELT, IEM, CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies  
(nlNunes@hotmail.com)

### **A recompensa do Paraíso: a visão da salvação no Corão em oposição à visão de alguns místicos.**

“Salvo aqueles que se arreponderem, crerem e praticarem o bem; esses entrarão no Paraíso, e não serão injustiçados” (Corão, 19: 60)

O Corão refere a existência do Paraíso, descrevendo-o como um espaço de beatitude e de prazer eterno. Porém, essa descrição apresenta diversos níveis, tendo em conta as acções desenvolvidas na vida terrena. Sendo a morte uma certeza, com ela, apenas os eleitos poderão habitar esse espaço paradisíaco, enquanto as almas danadas serão condenadas ao fogo eterno.

As descrições do Paraíso no Corão desencadearam diversos debates teológicos e reflexões, nomeadamente entre alguns místicos do Islão, como por exemplo, Rābi'a al- 'Adawiyya, al-Ghazālī, Mawlānā Jalāl-ad-Dīn Muhammad Rūmī e Ibn 'Arabī. Segundo estes sufis, o homem devia amar Deus sem medo da condenação eterna. Nesse sentido, para atingirem a união com Deus, os místicos realçam a grande *jihād* (combate interior de aperfeiçoamento), a prática de rituais ascéticos, o *dhikre* e o *samā'*, entre outros.

*Comentador: Sofia Nunes*

Professora, doutorada em Literatura Portuguesa Medieval. Pós-Doutoramento em Literatura Profana e Mística do Gharb al-Andalus. Representante em Portugal da MIAS LATINA - Muhyiddin Ibn Arabi Society Latina e autora de vários artigos. Na FCSH-UNL, docente dos cursos livres “O Legado Islâmico do al-Andalus”, “Introdução à Literatura do al-Andalus” e “História e Cultura do al-Andalus”, é ainda investigadora integrada do IELT e colaboradora do IEM. Na FLUL, é investigadora do CH.

## **Sofia Vasconcelos Nunes**

GEO-CML, CH-UL: Cultural Encounters and Intersecting Societies,  
Uses of the Past  
(sofiavasconcelosnunes@gmail.com)

### ***Soter*: epíteto divino e real.**

*Soter*, definição do conceito e evolução da sua aplicação a divindades e/ou reis. *Soter*, *Soteria*, conceito personificado. Zeus *Soter*/Zeus Eleutério e Atena *Soteira*, culto em Atenas e Pireu; o festival do *Diisoteria* e o festival délfico a Apolo Pítio/Apolo *Sotere* Zeus *Soter*. Apolo *Soter*: os mistérios; Apolo *Soter* e Esculápio ligados à cura; o epíteto Selêucida e o culto imperial romano. Dioniso *Soter*: ligação aos mistérios e a Apolo *Soter* como Dioniso salvo/reconfigurado. Hermes: função psicopompica e os mistérios. Posídon *Soter*, Tique *Soteira*. *Soter*, epíteto real: os Ptolomeus; os Selêucidas; Hermeus *Soter* da Dinastia Eucrátida. *Soter* no período imperial romano: termo não exclusivo dos governantes, contempla a noção terrena de protector, salvador da vida. Não figura como título oficial dos governantes mas é aplicado a César, "salvador do mundo habitado"; a Adriano, "salvador do mundo"; a Augusto, "Apolo *Soter*". Jesus, o Cristo, *Kyrios*, *Soter*/ *Salvator* e Mediador. Soteriologia.

*Comentadora: Ana Miranda*

Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa e doutorada em História, Especialidade em História Cultura das Religiões pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Actualmente investigadora do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e trabalha no Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa.



Este workshop é financiado por fundos nacionais através da FCT –  
Fundação para a Ciência e Tecnologia – no âmbito do projecto  
UID/HIS/04311/2013.

